

**A MULHER NO
JORNALISMO
ESPORTIVO**

THE WOMAN IN THE SPORT
JOURNALISM

LA MUJER EN EL PERIODISMO
DEPORTIVO

Ana Paula Oliveira¹
Nathalia Lainetti de Oliveira^{2, 3}

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a repórter dentro da editoria de esportes no Brasil. Pretende-se, a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, dissertar sobre a violência simbólica sofrida por estas profissionais. Para tal, foram utilizados os conceitos de violência e poder simbólico de Pierre Bourdieu. Nesta pesquisa, foi possível concluir que, as repórteres, ao contrário dos repórteres, precisam lidar com o assédio, com os comentários machistas e com a imposição de padrões estéticos.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; telejornalismo esportivo; violência simbólica.

¹ Pós-doutoranda, professora colaboradora e bolsista CAPES do programa de mestrado em Comunicação no Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutora em Filosofia pela Universidade do Porto, Portugal. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-São Paulo. Jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero, SP. E-mail: oliveira.or.anapaula@gmail.com.

² Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: oliveira.or.anapaula@gmail.com.

³ Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade Estadual de Londrina (UEL). Programa de mestrado em Comunicação no Centro de Educação, Comunicação e Artes. Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380, s/n - Campus Universitário, Londrina - PR, 86057-970, Brasil.

ABSTRACT

This papers aim to reflect on the female reporter within the sports publishing in Brazil. It is intended, based on a bibliographical research on the subject, to talk about the symbolic violence suffered by these professionals. For this, the concepts of violence and symbolic power of Pierre Bourdieu were used. In this research, it was possible to conclude that female sports reporters, unlike male journalist, need to deal with harassment, sexist comments and the imposition of aesthetic standards.

KEYWORDS: Women; sport telejournalism; symbolic violence.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es discutir las reporteras en la dirección editorial del deporte en Brasil. Se pretende, a partir de una búsqueda en la literatura sobre el tema, hablar de la violencia simbólica sufrida por estas profesionales. Para este fin, se utilizaron los conceptos de violencia y poder simbólico de Pierre Bourdieu. En esta investigación, se concluyó que, las reporteras, a diferencia de los reporteros, tienen que tratar con el acoso, con comentarios machistas y patrones estereotipados.

PALABRAS CLAVE: Mujeres; periodismo deportivo; violencia simbólica.

Recebido em: 28.02.2017. Aceito em: 15.07.2017. Publicado em: 01.08.2017

No mercado jornalístico, durante muito tempo, as redações foram locais exclusivamente masculinos. De acordo com o relato de José Hamilton Ribeiro, em meados da década de 1930, no Brasil:

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer o café: circulava na área de serviço (RIBEIRO, 1998, p.31).

A presença feminina começou a ser percebida muito antes de elas serem consideradas, oficialmente, jornalistas. No século XIX, muitas mulheres se dedicavam a produção de manifestos na imprensa alternativa como uma forma de clamar por direitos que ainda não haviam conquistado, como educação, profissionalização e ao voto. De acordo com Casadei (2011, p.12), “as mulheres sempre participaram de forma ativa em veículos da imprensa alternativa, buscando espaços outros onde suas idéias pudessem entrar no jogo das disputas simbólicas”. Oliveira e Castro (2006) afirmam que

por volta de 1850, as mulheres aproveitaram o crescimento da imprensa brasileira para criar canais de informação e de troca de idéias sobre o que pensavam e diziam delas próprias, contradizendo o que a sociedade dizia ou lhes exigia, o que representa uma espécie de autoconscientização de sua condição feminina. O jornalismo feminino da segunda metade do século XIX foi feminista, pois as mulheres, que antes de serem escritoras e jornalistas eram mães e esposas como a sociedade lhes exigia, expressavam nos textos um discurso reivindicatório em favor próprio (OLIVEIRA; CASTRO, 2006, p.2).

Ainda de acordo com Oliveira e Castro (2006), o ingresso da mulher na imprensa, por meio da luta em prol dos direitos das mulheres, impulsionou o surgimento de escritoras na literatura. É possível relacionar as mulheres da

literatura e as jornalistas, já que, a maioria das mulheres escritoras da época acumulava à atividade da escrita, um trabalho didático e um trabalho jornalístico, na divulgação das propostas de teor feminista, de certa forma politicamente engajadas. Enquadram-se nessa relação jornalista-escritora célebres mulheres como Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Patrícia Galvão(1910-1962), Clarice Lispector(1925-1977), Raquel de Queiroz(1910-2003), Cecília Meireles(1901-1964), Sônia Coutinho (1939-2013), Maria Adelaide Amaral, entre outras.

Outro motivo que levou a mulher a entrar nas redações está relacionado com questões financeiras. Assim como no mercado de trabalho em geral, o valor dos salários oferecidos foi um fator considerado para a abertura do mercado jornalístico para as mulheres. De acordo com Santos (2012, p.12), a participação feminina “era aceita mais por uma questão financeira (mão de obra barata), do que de reconhecimento intelectual. Por isso, as editorias destinadas a elas eram de menor expressão social, como moda, casa, família”, além de cadernos nas seções de receitas culinárias, de conselhos sobre educação infantil e comportamento familiar, ou de crônicas e contos voltados para o público feminino. Durante a década de 1960, “os assuntos ‘sérios’ eram reservados aos homens” (ABREU, 2006, p.10).

Apesar do ingresso da mulher nos periódicos ter começado em áreas “frívolas”, Silverinha (2012) afirma que este fato fez com que as mulheres tivessem contato com as informações no papel de produtoras e fontes. Isso, por sua vez, proporcionou uma maior reflexão sobre os acontecimentos e, portanto, a criação gradativa de consciência. Lopes (*apud* SILVEIRINHA, 2012) explica esse fenômeno quando afirma que as mulheres jornalistas foram responsáveis por suscitar uma nova consciência na classe feminina como um todo:

Deve assinalar-se o peso decisivo que a imprensa periódica teve no impulso de mudança da situação das mulheres. É ela, como espaço de visibilidade pública, que faculta a projeção do pensamento e a manifestação da sensibilidade de muitas mulheres: umas por iniciativa própria, como diretoras, redatoras ou colaboradoras de revistas ou jornais; outras respondendo ao convite daquelas para neles colaborarem. Em função disso, uma nova categoria de mulheres vai emergindo: a das leitoras, cada vez mais informadas e mentalmente articuladas, ultrapassando a das simples consumidoras de leituras de natureza romântica (LOPES *apud* SILVEIRINHA, 2012, p. 170).

No entanto, mesmo com as editorias limitadas como moda, casa e família, o número de mulheres nas redações não parava de aumentar. Segundo Rocha (2004), em 1970, o número de mulheres nas redações jornalísticas já era expressivo. Em 1986, as mulheres já ocupavam 36% dos quadros profissionais do país e, dez anos mais tarde, esse número chegava a pouco mais de 40%. Em 2006, segundo dados do Ministério do Trabalho⁴, 52% das vagas de jornalista eram ocupadas por mulheres (contabilizando 6.131 funções jornalísticas ante as 5.640 ocupadas por homens), mostrando uma tendência de uma maioria feminina no mercado de trabalho jornalístico.

A jornalista esportiva

No campo esportivo, o ingresso do sexo feminino foi mais demorado. Coelho (2003) afirma que “era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 1970”. Um dos motivos dessa dificuldade, de acordo com Renato Matte, diretor de esportes da RBS, em entrevista à Anelise Frozza (2008), se dava pelo ambiente esportivo.

a ausência delas nesse tipo de função em anos anteriores e a dominação de homens no jornalismo esportivo são justificadas pelo fato de antes haver uma situação que hoje não existe mais, a entrevista dentro do vestiário. A entrada de repórteres mulheres nos

⁴ *apud* Casadei (2011).

vestiários era muito mais demorada que a de repórteres homens, já que elas deveriam esperar os jogadores tomarem banho e se vestirem adequadamente, enquanto os jornalistas homens acessavam rapidamente os vestiários e faziam suas entrevistas muito antes que elas. Hoje, com a modernização dos clubes e a criação de salas de imprensa, tanto o jornalista homem quanto a jornalista mulher conseguem, ao mesmo tempo, entrevistar jogadores e comissão técnica sem nenhuma dificuldade ou constrangimento (FROZZA, 2008, p.50).

Nayara Vasconcelos e Daniella Rubbo (2009) relatam que a entrada das mulheres na editoria de esportes aconteceu gradativamente em paralelo ao acesso a diversas outras profissões e à consolidação do jornalismo esportivo como um segmento profissional. O crescimento nas redações é, também, um reflexo do crescimento da participação feminina nos esportes no século XXI.

No início do século XX, a mulher passou a não ser mais apenas espectadora das modalidades esportiva, ela se tornou atleta. Segundo Righi (2006), até o final do século as mulheres ainda lutavam para obter uma participação no esporte brasileiro. A partir do momento que estavam representadas no esporte, o jornalismo esportivo também passou a chamar a atenção feminina. Para Dorigon (2015), isso ocorreu

porque a mulher que praticava esporte se sentia capaz, entendia as regras do jogo e desejava passar esse conhecimento, assim como faziam os homens. No entanto, o número de mulheres nas redações ainda era pequeno e só aumentou quando foi possível utilizar-se de um artifício externo – nada relacionado com capacidade ou conhecimento.

As mulheres foram utilizadas, inicialmente, não porque poderiam, de fato, contribuir com as redações, compartilhar seus conhecimentos ou porque as emissoras de TV, jornais e rádio abriram espaço e resolveram democratizar as editorias de esporte. O feminino chegou às redações, salvo às exceções, devido à sua imagem, para fazer merchandising, atrair os olhares masculinos e quebrar o padrão de vozes e discursos dos apresentadores e comentaristas (DORIGON, 2015, p.30).

Especificamente falando de televisão, a imagem foi uma das portas de entrada das mulheres na editoria de esporte. Para Righi (2006), com a imagem na televisão, a mistura "gênero e esporte" encontrou um campo de atuação. As mulheres participavam dos programas esportivos apresentando propagandas ou lendo *scripts*. No entanto, algumas jornalistas conquistaram um lugar nas redações e atuaram em diferentes funções. É o caso de Cidinha Campos que trabalhou como repórter na editoria esportiva na TV Record, na década de 1970, e Regiani Ritter, comentarista e repórter de futebol na TV Gazeta, na década de 1980.

Ritter já era famosa no rádio na década de 1970 por sua voz. Mesmo assim, teve que enfrentar o superintendente da TV *Gazeta* para garantir a sua estreia. Em entrevista à repórter Aretha Martins, do Portal iG⁵, ela lembra que já trabalhava com futebol – sempre cobriu a modalidade – e acompanhava treinos quando finalmente foi escalada para um jogo. No entanto, seu nome foi tirado da escala no dia seguinte. A justificativa do chefe era que a informação esportiva perderia credibilidade na voz de uma mulher. "Fui até ele e respondi: 'A Lilian Witte Fibe pode falar de economia e eu não posso falar de bolinha rolando?' (RITTER *apud* MARTINS, 2013). Tempos depois, a repórter fez a sua primeira matéria nos gramados, ao cobrir férias de um colega. Segundo a própria repórter, ela foi a primeira mulher jornalista a entrevistar os jogadores de futebol no vestiário. "Eu ia para debaixo do chuveiro porque estava ao vivo na rádio e não dava para esperar. Quando esperava eles se arrumarem, as estrelas já tinham ido embora".

⁵ Disponível em <<http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-12-01/pioneiras-do-jornalismo-lembram-preconceito-boicote-e-xaveco-de-boleiros.html>>. Acesso em 04 de outubro de 2016

Em 2010, a Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (ACEESP) criou o troféu Regiani Ritter, premiação criada para reconhecer a importância do trabalho da jornalista para o jornalismo esportivo brasileiro.

Poucos foram os veículos que, de fato, contrataram mulheres para as equipes de jornalismo esportivo deixando de lado os preconceitos e estereótipos sociais de que esporte não é para mulher, que mulher não entende de esporte ou ainda de que esta não seja uma profissão feminina. É o caso da TV Record e da TV Gazeta que deram oportunidades para as pioneiras citadas.

Somente na década de 90, algumas jornalistas começam a ter destaque no cenário esportivo. Mylena Ciribelli apresentava os boletins esportivos sobre os Jogos Olímpicos de Seul e de Fórmula 1 em 1988, pela TV Manchete e, em 1991, começou a trabalhar no "Globo Esporte" e no "Esporte Espetacular", programas esportivos da Rede Globo.

De acordo com Baggio (2012), uma das primeiras mulheres a lutar por direitos iguais no jornalismo esportivo, especificamente na televisão, foi Isabela Scalabrini. "Repórter da Globo desde 1980, a jornalista, que começou fazendo matérias para o Globo Esporte, cobria diversas modalidades esportivas, menos o futebol, que era destinado aos homens da redação" (BAGGIO, 2012, p. 27). Em entrevista ao portal iG, a repórter conta que sofreu com o assédio da torcida. "Quando entrava em campo, ouvia assobios e muitas bobagens, como que estava ali para paquerar. Mas isso nunca de um jogador".⁶ Scalabrini cobriu eventos como o Pan-Americano de 1983, na Venezuela, a Copa do Mundo de 1986, no México e os Jogos Olímpicos de 1994, em Los Angeles, e de 1998, na Coreia do Sul.

⁶ Disponível em <<http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-12-01/pioneiras-do-jornalismo-lembram-preconceito-boicote-e-xaveco-de-boleiros.html>>. Acesso em 04 de outubro de 2016.

Outra pioneira na cobertura esportiva foi a repórter Kitty Balieiro. Ela integrou a equipe de esportes da TV Globo no início de 1983, com passagens também pelo SBT e pela Record. Trabalhou durante 17 anos na ESPN Brasil chegando a editora executiva e chefe de redação. Balieiro cobriu os Jogos Olímpicos de Los Angeles, Seul, Barcelona, Sidney e os Jogos Pan-americanos de Winnipeg onde, em 1999, foi chefe de reportagem em uma equipe praticamente só de mulheres da ESPN.

Foi somente no ano de 2002 que uma mulher protagonizou um grande evento esportivo. A Copa do Mundo de futebol deste ano teve a figura de Fátima Bernardes, na época, apresentadora do Jornal Nacional, como repórter especial da seleção brasileira. A atuação de Bernardes foi lembrada no livro *"Jornal Nacional, a notícia faz história"* (2004):

Durante a competição, William Bonner continuou apresentando o Jornal Nacional no Brasil, enquanto Fátima Bernardes entrava ao vivo do Japão ou da Coreia. O trabalho da jornalista acompanhando os principais momentos da seleção brasileira foi amplamente elogiado pela imprensa. Fátima Bernardes chegou ao final da cobertura com o status de "musa da Copa", título dado pelos próprios jogadores brasileiros (RIGHI, 2004, p. 32).

Desde a repercussão do trabalho de Fátima Bernardes, várias jornalistas começaram a atuar na área de esporte, inclusive cobrindo futebol, esporte majoritariamente masculino, tanto na audiência quanto nas equipes de reportagem. Podem ser citados nomes como Renata Fan, Glenda Koslowski, Mariana Becker, Mylena Ciribelli, e, mais recentemente, Fernanda Gentil e Paloma Tocci, entre outras. Porém, Righi (2006) afirma que a atuação das mulheres no jornalismo esportivo ainda se restringe a determinadas áreas. Para ela, poucas podem comentar sobre esporte, emitir suas impressões e opiniões ou, até mesmo, narrar eventos esportivos. Para Clarice Bessa, ainda é grande o

preconceito quando o assunto é o espaço para a opinião. Ela critica veementemente o preconceito que envolve a atuação da jornalista esportiva em seu texto "Mulheres de Atenas" (2006):

Pouquíssimas mulheres realmente podem exercer um cargo de comentarista (para emitir opiniões de verdade, não vomitar um *script*), principalmente quando têm contato direto com o público. No futebol, então! Nós somos o país do futebol, porém julgamos as mulheres incompetentes no assunto. Muitas garotas já o praticam, mas falar sobre técnica e tática? Discutir se dá para a seleção jogar com dois centroavantes ou se meia é posição em extinção no Brasil? As entrelinhas do cinismo expressam o seguinte: Mulheres podem jogar, mas que não se profissionalizem nem tentem entender o assunto. Namorem jogadores, criem sites sobre galãs como Beckham e o Morientes, sejam assistentes de palco de programas (usem decotes) ou façam matérias de biquíni, mas, por favor, não se metam em território onde só os machos têm competência para opinar, gerir e praticar. (BESSA *apud* RIGHI, 2006, p. 32)

O futebol é o principal esporte onde o machismo impera. É possível encontrar comentaristas mulheres no vôlei, na ginástica, por exemplo. Mesmo assim, elas são sempre ex-atletas do esporte. O futebol é o único esporte em que há comentaristas homens que não foram atletas, ou seja, jornalistas que estudaram e se especializaram em futebol. Algo que ainda não é visto com mulheres, nem ex-atletas, muito menos com jornalistas. Outro ponto que ainda precisa ser vencido é a cobertura de determinados esportes, principalmente, o futebol. Mesmo com o aumento da inserção da mulher na imprensa esportiva, e isto é visível, ela ainda sofre alguns preconceitos e, por isso, são preferencialmente encaminhadas para cobertura de esportes "mais fáceis" como cita Paulo Vinícius Coelho:

O fato, no entanto, é que as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Território onde o machismo ainda impera (COELHO, 2003, p.35).

A imposição dos padrões estéticos e estereótipos femininos

Como dito anteriormente, as mulheres entraram, primeiramente, no telejornalismo esportivo como forma de atrair os olhares masculinos pela beleza. No entanto, a mulher é tratada como um objeto sexual muito antes do telejornalismo esportivo. Os meios de comunicação não são apenas veículos de informação e conteúdo. Eles também são responsáveis pela construção de sentidos e manutenção das representações dentro da sociedade. Segundo Baggio (2012), a forma que a mídia constrói a imagem da mulher em propagandas publicitárias, filmes, programas e também no próprio jornalismo, influencia na representação do gênero feminino adquirida pela sociedade.

A sociedade sempre impôs determinados comportamentos de gênero, ou seja, atitudes sociais e culturais que juntas definem e sancionam comportamentos, produtos, tecnologias, ambientes e conhecimentos considerados “femininos” e “masculinos”, que, no entanto, nem sempre correspondem ao sexo biológico. Sendo assim, esses padrões não são biológicos mas construídos por meio de um processo sociocultural. As diferenças de gênero são socialmente construídas e naturalizadas, isto é, são atribuídas a uma suposta essência masculina ou feminina. Essa naturalização resulta na atribuição de determinados papéis e lugares sociais para homens e mulheres. Dessa maneira, em nossa sociedade, a mulher é definida como delicada, maternal, vaidosa, simplesmente por ser do sexo feminino, não admitindo que ela possua características diferentes a essa. Essa determinação de diferentes papéis e lugares implica em diferentes valores e capacidades atribuídos a mulheres e homens na sociedade e permitem, conseqüentemente, acesso desigual a recursos, oportunidades e benefícios.

Da mulher sempre foi exigida a feminilidade, os cuidados com a beleza e a necessidade de estar sempre bela. O estereótipo de “Bela, recada e do lar”⁷ é antigo e sempre exigiu que a mulher fosse escrava de padrões estéticos e corporais em nossa sociedade. Aquelas que não se adequassem a estes padrões sofriam, e ainda sofrem, com esse tipo de submissão que Bourdieu (2003) chamou de violência simbólica. Este cenário de submissão sempre foi produto de uma violência não-física, resguardada no campo psicológico, ideológico e social da humanidade e vivenciada através de regras e condutas reproduzidas, em grande parte das vezes, de forma não consciente.

[...] Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação, do conhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2003, p. 7).

Os padrões de beleza são definidos por uma cultura que privilegia o olhar masculino. Para Witter (2014)⁸, “nossa cultura vê o masculino como protagonista, e as mulheres como acessórios e, os acessórios ficam melhores quando são bonitos”. O corpo feminino foi transformado em mercadoria e a mídia tem grande responsabilidade nisso. Para Cruz (*apud* Baggio, 2012), os comerciais de televisão e as revistas são exemplos que reforçam a imagem da “mulher objeto” na sociedade. A mulher é identificada na mídia como aquilo que os homens devem querer e possuir e, muitas vezes, as próprias mulheres

⁷ Matéria publicada pela revista Veja em 18 de Abril de 2016.

⁸ Disponível em < <http://nikelenwitter.sul21.com.br/2014/08/sobre-a-imposicao-de-padroes-de-beleza/>>, Acesso em 20. Jul. 2016.

incorporam este discurso como aquilo que elas devem ser ou se tornar para poder obter uma valorização social.

Nas propagandas de cerveja veiculadas pela mídia não existe a preocupação em se ter um discurso crítico sobre a utilização do corpo feminino. São imagens “jogadas” para os telespectadores, que assumem uma visão passiva da problemática em questão. A discussão “passiva” do telespectador diz respeito à falta de tempo para traduzir, processar e interpretar a quantidade de imagens emitidas pela televisão. Assim, as imagens transmitidas pelos meios de comunicação como televisão, jornais e revistas reproduzem representações de mulheres modernas, dinâmicas, independentes...e “coisificadas” (CRUZ *apud* BAGGIO 2012, p.15).

Para Santos (2014), a exposição da mulher na mídia mostra a convivência dos meios de comunicação e, inclusive, da sociedade em geral, com a transformação da imagem e do corpo da mulher em mercadoria, num contexto fortemente erotizado. Segundo Teles (*apud* Baggio, 2012), como um produto, a mulher encontra-se nas páginas das revistas, espaço em que dezenas de mulheres estão expostas. O mesmo autor enxerga as imagens como simples fotos que não têm sentimento, não expressam nada, apenas um uso abusivo da imagem da mulher. A imagem das mulheres nuas ou seminuas em jornais populares vende, e a mulher, da mesma forma na televisão, dá audiência.

E é justamente a busca pela audiência que leva as emissoras a reproduzirem essa imposição estética entre os seus funcionários, ou melhor, funcionárias. A televisão, por ser um veículo que necessita da imagem, faz grande uso do que é chamado de “visualmente belo”. E isso inclui os seus profissionais que estão diante das câmeras. O que se observa, no entanto, é que as exigências não são as mesmas para homens e mulheres. Na televisão, não é difícil encontrar homens acima do peso, carecas, de cabelo branco, algo muito mais raro quando se trata de mulheres.

A exigência é tamanha que é possível encontrar nos próprios manuais de Telejornalismo a aparência “correta” para uma profissional de TV. Em “Profissão: Jornalista de TV” (2008), Regina Vilela dá “dicas especiais” de como as jornalistas precisam ser e vestir para terem “sucesso” na carreira.

Para as mulheres, o vestuário pode ser moderno, mas são muitas alternativas para fugir do tipo ‘executiva’. Gosto do Spencer (casaco curto acinturado), peça-chave para compor o visual. O terninho cai muito bem naquela que são mais altas e magras. Também gosto de camisas e blusas mais adequadas ao clima tropical do Brasil, além de mais práticas para vestir quem trabalha em reportagens externas. Só evite camisetinhas finas. Estas, só acompanhadas de peça sobreposta. Saias e vestidos deixam qualquer mulher mais feminina, mas para a TV é recomendável usá-las se estiver em ótima forma, especialmente se for designada para cobrir eventos como desfiles de moda, entregas de prêmios, enfim. Mas não abuse dos decotes.

Calças compridas são bem mais seguras e práticas no exercício diário da reportagem. E em todo guarda-roupa as cores tendem seguir a paleta dos tons pastéis – que ajudam a errar menos. O mais importante mesmo é saber conjugar cores e tons que valorizem sua presença, seu porte e tom de pele, sem roubar a atenção da notícia que você transmite. É provável que antes de ir para o vídeo, você passe por um consultor de moda.

Os cabelos femininos costumam ser curtos e médios. Cortes curtos são mais práticos, mas basta prestar um pouquinho de atenção para ver que quase todas as mulheres optaram pelos cortes médios depois do advento da escova progressiva, da chapinha ou do alisamento químico. Todas querem ter cabelos lisos e para mantê-los assim é preciso um pouco de sacrifício. O problema é não deixar aquela aparência de cabelo espichado. Consulte um *hair stylist*.

A maquiagem deve realçar sua e para isso não é preciso exagerar, principalmente no batom. Não esqueça que a notícia é que deve chamar atenção do telespectador. Use produtos de boa qualidade que mantenham a pele saudável [...] Mantenha a cutis viçosa conhecendo bem suas características e consulte regularmente um dermatologista. (VILELA, 2008, p. 57 e 58)

Quando se refere à aparência masculina, VILELA (2008) ainda o faz como uma comparação às mulheres.

Homens não costumam usar muitos adereços. O relógio de pulso e um anel ou aliança são as peças mais comuns. E já está de bom

tamanho! Mas as mulheres dispõem de brincos, cordões, broches, pulseiras, relógios e anéis. Oh! Dúvida cruel! É preciso dosar o uso das jóias ou bijuterias com bom gosto e discernimento. Nenhuma apresentadora ou repórter pode aparecer no vídeo como se fosse uma árvore de natal. [...] As mãos devem estar limpas e bem cuidadas. Recado para mulheres e homens: nada de unhas roídas (VILELA, 2008, p. 58).

A obsessão pelo controle do corpo feminino é tamanha que, dentro das emissoras, algumas repórteres e apresentadoras, por estarem acima do peso considerado padrão pela emissora, receberam ordens para emagrecer. Por esse motivo, algumas chegaram até a serem afastadas. A repórter e apresentadora Marina Godoy é uma delas e recebeu ordens para emagrecer diversas vezes. Segundo a jornalista, em entrevista ao programa *Tudo Posso, da Rede Família*, em março de 2016, uma diretora exigiu que ela fizesse uma dieta, dizendo que ela estava muito gorda e precisa emagrecer.⁹ Godoy, no entanto, não cedeu. “Cada vez que ela falava que eu estava gorda, eu engordava três quilos. Só de birra”, afirmou Godoy.

Especificamente no jornalismo esportivo, não há uma grande mudança de conceitos quando se fala da obsessão pela aparência feminina. Ainda há uma exploração muito grande da imagem da mulher, principalmente durante a cobertura de eventos esportivos.

Primeiro, na escolha de imagens, em megaeventos a gente tem a mulher com seio farto e seu celular, como foi o caso da paraguaia Larissa Riquelme, na Copa do Mundo de 2010. A escolha de mulheres muito bonitas no vídeo e nas imagens para mostrar como o estádio está “florido”, como o estádio está “bonito” começa por aí, falando de uma transmissão, por exemplo. Aí depois aquela coisa, “jogador tal bate um bolão fora do campo com a sua mulher” e aí a foto da “musa” do jogador. Toda Copa, toda Olimpíada você vê esse tipo de matéria, como “conheça as mulheres mais lindas da seleção holandesa”. Agora para o homem a gente não vê esse tipo de matéria. Isso é absurdo e isso acontece muito porque tem gente que lê. Isso só

⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zn-aWVfRIVA>> Acesso em 28. Jul. 2016.

acontece porque tem gente que dá click, que compartilha. Nós estamos em uma busca por audiência desenfreada na internet, na TV, que a gente passa a usar esse tipo de conteúdo (BOLSON, 2016)¹⁰.

Considerações finais

A presente pesquisa teve como ponto de partida o interesse pessoal da autora em analisar de que forma a mulher está inserida como profissional no jornalismo esportivo. Para isso, optou-se por buscar compreender como é esse ambiente e quais são os preconceitos e as dificuldades que as profissionais passam em comparação aos homens no mesmo cargo e função.

A realização deste trabalho foi importante para mostrar que muito se avançou no quesito inclusão da mulher no espaço do jornalismo esportivo, no entanto, ainda existem muitas barreiras a serem superadas. A mulher ultrapassou muitos obstáculos para conquistar seu espaço no mercado de trabalho como um todo. Até o século XIX, todas as opções profissionais destinadas às mulheres eram relacionadas às atividades domésticas, já que elas não tinham acesso à educação, política e esporte.

A exclusividade de mulheres em profissões ligadas às atividades domésticas se deve a criação de papéis sociais e comportamentais entre os gêneros pré-estabelecidos pela sociedade que surgiram desde que o homem passou a viver em sociedade e estabeleceu-se que o sexo masculino seria o provedor de alimento e segurança enquanto a mulher seria responsável por cuidar dos filhos e do lar.

¹⁰ Entrevista concedida à autora em 31 de outubro de 2016 na redação do Esporte Interativo, no Rio de Janeiro.

A partir do momento em que a mulher passou a entrar no mercado de trabalho formal, mesmo que isso tenha ocorrido por razões econômicas, ela deixou de ser responsável exclusivamente pelas questões domésticas e passou a assumir responsabilidades financeiras no âmbito familiar. Mesmo assim, os postos de trabalho destinados às mulheres eram restritos a cargos com pouca especialização, já que a mulher não tinha acesso à educação, o que proporcionou ao mercado uma mão de obra barata que foi facilmente explorada.

No jornalismo, a mulher foi inicialmente aceita justamente pela questão salarial, pois recebiam remunerações muito mais baixas e também eram destinadas às editorias de menor valor e expressão social, como moda, casa e família. Na área esportiva, a mulher enfrentou as mesmas dificuldades que no mercado de trabalho como um todo. O início foi tardio, até a década de 1970 não se encontrava mulheres no jornalismo esportivo. O acesso a essa editoria jornalística se deu gradativamente, assim como o acesso as diversas outras profissões. O aumento de mulheres no jornalismo esportivo também se deu pelo crescimento da mulher no esporte como atleta, atraindo a atenção de outras mulheres que se sentiram representadas, não só nas modalidades esportivas como em todas as áreas que envolvem o esporte, inclusive, o jornalismo.

Após o início tardio, a mulher passou a ganhar espaço nos programas esportivos principalmente como forma de atrair o público masculino e com apelo às questões físicas. Um reflexo de como a mulher era, e ainda é, vista pela sociedade, um estereótipo de padrões estéticos e comportamentais. A todo tempo se exige que a mulher esteja dentro de uma série de padrões sociais pré-estabelecidos e visualmente atraente para o olhar masculino. Na TV, veículo que

tem por destaque o apelo à imagem, isso é exigido de forma mais intensa e reflete diretamente na forma como o público enxerga a jornalista.

Acabar com essas diferenciações é um processo longo e árduo, mas que precisa ser imediato. Uma mudança de pensamento de todas as pessoas envolvidas e também dos futuros profissionais da área, o que inclui a importância na discussão deste assunto nos cursos de jornalismo, é extremamente necessária.

Eu gostaria de ver uma mulher na FIFA ou mesmo na CFB. Quando isso começar a acontecer, as coisas vão começar a mudar. Nós já rompemos a barreira de que mulher não podia fazer futebol. Esse preconceito já foi quebrado, agora é o dentro e o meio. É entender o porquê que tu está ali, de igual para igual. Acho que os colegas já entendem, mas em alguns momentos há aquela coisa do preconceito inconsciente, que é uma coisa cultural, que a gente já carrega. Por isso que é um processo, não é da noite para o dia. Por isso que vai ser sempre passo por passo, mas a passos largos assim espero. Tempos melhores estão vindo, mas a gente precisa falar sobre isso na Universidade e na mídia também. Nós também não podemos ficar só nesse argumento que se defende: "isso é cultural do futebol, isso é assim". É cultural, é, mas está errado. Temos que questionar o por que é assim (BOLSON, 2016).



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 5, Agosto. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p402>

Referências

ABREU, Alzira Alves de; ROCHA, Dora. **Elas ocuparam as redações**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ALEXANDRINO, Viviane Aparecida. **A mulher no jornalismo esportivo**: Análise da participação feminina no telejornalismo brasileiro. 2011. 64 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo), Faculdade Cristo Rei, Cornélio Procópio, 2011.

BAGGIO, Luana Maia. **Representação da mulher no telejornalismo esportivo**: a atuação da jornalista Renata Fan no programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes. Santa Maria: s.n., 2012. Disponível em: <<https://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/representac3a7c3a3o-da-mulher-no-telejornalismo-esportivo-a-atuac3a7c3a3o-da-jornalista-renata-fan-no-programa-jogo-aberto-da-tv-bandeirantes.pdf>>. Acesso em 27 mai. 16.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2009.

BOLSON, Bibiana Hegele. Entrevista concedida à Nathalia Lainetti de Oliveira em 01 de novembro de 2016. Rio de Janeiro.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner, - 3º ed. – Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.

BRAVO, Débora Vasconcellos Tavares. **Elas Assumiram o Comando**: As mulheres jornalistas no mundo do telejornalismo esportivo. 2009. 57fls. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo), UFV, 2009.

BRETONES, Marcos Jardim de Amorim. **Redação Sportv**: Uma experiência de jornalismo esportivo crítico. 2010. 54 fls. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo), UNICEUB, 2010.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 5, Agosto. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p402>

CASADEI, Eliza Bachega. **A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa**: primeiras experiências do final do século XIX. Revista Alterjor, v. 1, n. 3, 2012.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 1ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

DORIGON, Bruna Tamanini. **Mulheres em campo**: jornalistas esportivas sob a ótica das estudantes de jornalismo. 2015. 63 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Centro de Ciências Empresariais e Sociais Aplicadas, Unidade Catuaí, UNOPAR, Londrina, 2015.

ESPINDOLA, Gabriela. **A Trajetória do Poder da Mulher**: do lar ao mercado de trabalho. São Paulo. 2014. Disponível em <<http://docslide.com.br/education/a-trajetoria-do-poder-da-mulher-do-lar-ao-mercado-de-trabalho.html>>. Acesso em 16. Jun. 2016.

ESTADÃO. **Violência contra mulher cresce 44,7% no país em um ano**. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/06/02/violencia-contramulher-salta-44-no-pais.htm>> Acesso em 02 de outubro de 2016.

FROZZA, Anelise. **A Presença da Mulher na Cobertura de Futebol da RBS TV**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. 67p.

RIGHI, Anelise Farençena. **As donas da bola**: inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo. Santa Maria: s.n., 2006. Disponível em: <<https://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/anelise-righi.pdf>>. Acesso em 25 nov. 2015.

GALVÃO, Juliana de Castro. **Diferença salarial entre homens e mulheres**. Internet. 2015. Disponível em <http://www.politize.com.br/desigualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres/>. Acesso em 17 de Outubro de 2016.

GALVÃO, Juliana. **O Impacto da Segregação de Gênero nos Cursos de Graduação sobre o Diferencial Salarial entre Homens e Mulheres no Brasil**. UnB, 2015. Disponível em <



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 5, Agosto. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p402>

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19502/1/2015_JulianaCastroGalvao.pdf. Acesso em 17 de outubro de 2016.

GASPARINO, Henrique. **Estudo das transmissões esportivas na televisão brasileira**. 2013. 75 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – UNESP, Bauru, 2013.

HERREROS, Mariano C. **La radio en Internet: de la ciberradio a las redes sociales y la radio móvil**. 1ª ed. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

IMPrensa, Observatório da. **As mulheres nas redações**. 2010. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/as-mulheres-nas-redacoes>> Acesso em 08 Março. 2016

LEMOS, Márcia. **Imprensa Esportiva: dos artigos olímpicos de Nelson Rodrigues aos parágrafos telegráficos da Internet**. Complexus (Coronel Fabriciano), Internet, v. 01, n.01, 2003.

MARTINS, Aretha. **Pioneiras do jornalismo lembram preconceito, boicote e xaveco de boleiros**. São Paulo. Portal IG. 2013. Disponível em <<http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-12-01/pioneiras-do-jornalismo-lembram-preconceito-boicote-e-xaveco-de-boleiros.html>>. Acesso em 04 de outubro de 2016.

OLGA, Think. **Chega de Fiu Fiu: resultado da pesquisa**. 2013. Disponível em <http://thinkolga.com/2013/09/09/chega-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/>. Acesso em 30 de Novembro de 2016.

OLIVEIRA, Giordano Bruno Medeiros e. **Padrão Esporte Interativo: Interação e irreverência na transmissão em TV aberta**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Comunicação Social com habilitação em Radialismo) – UERN, Mossoró, 2013. Disponível em <http://www.uern.br/controldepaginas/depto-comunicacao-social-producao-discente/arquivos/0301padrao_esporte_interativo_interacao_e_irreverencia_na_transmissao_em_tv_aberta.pdf>. Acesso em 02 de outubro de 2016.

OLIVERA, Letícia. **#jornalistascontraoassédio no mundo machista do futebol**. Disponível em < <https://blogdaleticiaoliver.wordpress.com/2016/06/21/jornalistascont-raoassedio-no-mundo-machista-do-futebol/>>. Acesso em 01 de dezembro de 2016.

OLIVEIRA, Janaína Cruz de; CASTRO, Rondon de. **O Discurso Da Mulher Nos Primórdios do Jornalismo Feminino**. Intercom. 2006. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0115-1.pdf>> Acesso em 07.Jun. 2016.

QUADROS, Mirian; LOPES, Débora Cristina. **As redes sociais como ferramentas de interatividade no radiojornalismo: uma proposta metodológica**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 13, n. 26, jul./dez. 2014. Disponível em<http://www.academia.edu/14259654/O_r%C3%A1dio_e_a_rela%C3%A7%C3%A3o_com_o_ouvinte_no_cen%C3%A1rio_de_converg%C3%A2ncia_uma_proposta_de_classifica%C3%A7%C3%A3o_dos_tipos_de_interatividade> Acesso em 24 de Outubro de 2016.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas, 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones**. Imprensa Oficial do Estado, 1998.

RIGHI, Anelise Farencena. **As donas Da Bola: Inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo**. 2006. 84 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – UNIFRA, Santa Maria, RS, 2006.

ROCHA, Paula Melani. **As mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo: O processo de profissionalização e Feminização da Carreira**. 2004. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, 2004. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-paula-melani-mulheres-jornalistas.pdf>>. Acesso em 16 de Maio de 2016.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 5, Agosto. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p402>

SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 1ªed. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **"Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero."** *Cadernos pagu* 16 (2001): 115-136.

SANTOS, Vanessa de Araújo. **As Bolas da Vez**: a invasão das mulheres no jornalismo esportivo televisivo brasileiro. 2012. 40 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo), Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, DF, 2012.

SILVEIRINHA, Maria João. **As mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística**: contributos para uma não-ossificação da História do jornalismo. S.l. Comunicação e Sociedade, vol. 21, 2012, p. 165 – 182. Disponível em: <<http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/viewFile/707/628>>. Acesso em 03 mai. 2016.

STEARN, P.N de. **História da sexualidade**. Contexto, São Paulo, 2010.

Tudo Posso. São Paulo: Rede TV, 12 de abril de 2016. Programa de televisão. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zn-aWVfRIVA>>. Acesso em 02 de outubro de 2016.

VASCONCELOS, Nayara Maria; Daniella, RUBBO. **A mulher jornalista na editoria de esportes**. Curitiba: s.n., 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3094-1.pdf>>. Acesso em 06. junho 2016.

VILLELA, Regina. **Profissão: jornalista de TV**: Telejornalismo aplicado na era digital. Editora Ciência Moderna, 2008.

WITTER, NIKELÉN. **Sobre a imposição de padrões de Beleza**. 2014. Disponível em <<http://nikelenwitter.sul21.com.br/2014/08/sobre-a-imposicao-de-padroes-de-beleza/>> . Acesso em 02 de outubro de 2016.